CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
30 de outubro de 2026

TRABALHOS DE ALUNOS DO CURSO DE FOTOGRAFIA E CULTURA VISUAL DO IADE - UNIVERSIDADE EUROPEIA / 2026

A MENINA DO ATELIER 13
de Inês Santos e Raquel Rodrigues
cópia: digital, 3 minutos
COMPASSO
de Pedro Domingos e Leonor Braz
cópia: digital, 4 minutos
DENTRO
de Halex Marinho
cópia: digital, 9 minutos
CANTOMILO
de Bárbara Martons e Rosarinho Canha
cópia: digital, 11 minutos
12POR12
de Bárbara Martons
cópia: digital, 7 minutos
QUE HORAS SÃO?
de Carolina Castanheira e Carminho Cunha
cópia: digital, 4 minutos
ENTRE SER
de Sofia Só
cópia: digital, 13 minutos
(AS)SENTO
de Pedro Domingos
cópia: digital, 6 minutos

Duração total da projeção: 57 minutos

REVISÃO DA MATÉRIA DADA

Quando a licenciatura em Fotografia e Cultura Visual começou a funcionar no IADE, há 20 anos, já integrava unidades curriculares dedicadas à imagem em movimento no seu plano de estudos. Antecipava-se, assim, uma tendência que se tornaria cada vez mais evidente: a necessidade de quem fotografa também saber filmar. A aproximação entre a fotografia e cinema far-se-ia a passos largos através dos avanços tecnológicos

ímpares, que tornaram possível captar fotografias e imagens em movimento com a mesma câmara, muitas vezes sem necessidade de equipamento adicional. A esta convergência, juntou-se a facilidade de edição, que permite montar, tratar e combinar imagens e sons através de aplicações acessíveis, inclusivamente num simples "smartphone". Captar imagens e sons e transformá-los num curto filme pode fazer-se, hoje, num único dispositivo, com ferramentas que estão ao alcance de praticamente todos.

Esta convergência tecnológica entre fotografar e filmar ajuda-nos a entender o quão crucial é a aprendizagem da linguagem cinematográfica: não basta dominar tecnicamente os dispositivos e as aplicações de captação e edição. É necessário compreender o que muda quando uma imagem ganha movimento e passa a articular-se com outras imagens, como estas se inscrevem no tempo e de que modo o som transforma a percepção das imagens em bloco. É neste território de experimentação, onde se cruzam o movimento, o tempo e o som, que o cinema expande as possibilidades da fotografia e aprofunda a cultura visual dos estudantes.

Num contexto em que muitos alunos chegam à universidade já com algum domínio técnico e grande familiaridade com as ferramentas digitais, criando memes, produzindo vídeos curtos e dominando os códigos e mecanismos dos algoritmos, a universidade afirma-se como um espaço privilegiado para a investigação artística. Um espaço onde é possível ir além do domínio técnico das ferramentas, para explorar as possibilidades expressivas das imagens, questionando os seus sentidos e experimentando novas formas de as relacionar umas com as outras e com o som. E isto não se faz no vazio, mas em diálogo com o vastíssimo trabalho de outros fotógrafos e cineastas, com o que a história da arte e a memória coletiva nos legaram, adoptando uma postura crítica e reflexiva, ancorada no mundo.

Tudo isto tende a escapar, afinal, à capacidade de detecção, representação e desenvolvimento do rápido ecossistema digital em que estamos mergulhados. Não se fotografa ou filma hoje sem ter em conta o atual ambiente digital global, em que um número reduzido de conglomerações controla grande parte da produção e distribuição das imagens que alimentam nosso "feed" diariamente. Sabemos agora, mais do que nunca, que a atenção dos utilizadores é um negócio que se traduz não apenas em ganhos monetários, mas também na acumulação de poder político e cultural. O "clickbait"é uma sugestiva palavra que condensa bem a tendência das plataformas para privilegiar conteúdos capazes de despertar emoções fortes e provocar reações imediatas. Não faltam estudos que, cruzando as neurociências, a psicologia e os estudos culturais, procuram compreender estes fenómenos e os seus efeitos na forma como vemos, sentimos e interpretamos o mundo, com impactos, às vezes retumbantes, ao nível da nossa saúde mental.

Os filmes apresentados nesta sessão são uma pequena amostra do trabalho desenvolvido na vertente cinematográfica e de realização áudio-visual da licenciatura em

Fotografia e Cultura Visual. Neles encontramos diferentes formas de investigação artística em torno da imagem e do som: filmes que brincam com as expectativas do espectador, explorando o que se mostra e o que se esconde no ecrã; que associam e justapõem imagens e sons, libertando-os da sua função meramente representativa para os transformar em texturas, ritmos e padrões; ou que introduzem, de forma lúdica, o desenho sobre as imagens "reais", criando novas relações à medida que estas se sucedem de plano para plano. Há também filmes que convidam a uma atitude mais contemplativa por parte do espectador, encontrando na sala de cinema o espaço propício para essa experiência.

É nesta encruzilhada de caminhos emaranhados que estes filmes são exibidos na Cinemateca Portuguesa, num momento em que nada poderá permanecer como dantes: nem a produção e a recepção das imagens, nem a forma de ensinar a trabalhá-las. Num mundo em que a criação de imagens se tornou instantânea e omnipresente, importa também questionar como se desenvolvem a reflexão teórica e as práticas artísticas em contexto académico. É verdade que os estudantes chegam às aulas familiarizados com as linguagens visuais das redes digitais. Mas talvez precisem, mais do que nunca, de recursos que lhes permitam questionar criticamente as imagens que produzem e os contextos sociais, políticos e culturais em que circulam – aprenderem a reconhecer os traços destes contextos nos gestos do seu quotidiano e como permeiam os laços que nos ligam uns aos outros. Verem na imagem um indício, um rasto e, com curiosidade, ir para além da sua superfície.

E, sendo assim, torna-se evidente a necessidade de ultrapassar um modelo de ensino assente sobretudo na transmissão verbal de conceitos e metodologias, num processo unidireccional que vai do um professor ao aluno, que muitas vezes se limita a ver e a ouvir passivamente. As aulas não podem continuar a ser apenas mostruários onde se expõe como se fez ou como se faz. Há que criar experiências de aprendizagem que integrem o pensamento crítico no próprio processo de criação e que reconheçam outras formas de conhecer, para além da palavra: através do corpo, dos sentidos, da experimentação e da prática. Experiências que incluam o encontro com o outro e com a diferença, a disponibilidade para sair daquilo a que convencionámos chamar «bolha». Em vez de aprender apenas sobre cinema, podemos aprender *através* dele, fazendo da própria prática cinematográfica um instrumento de investigação e uma forma de conhecimento sobre o mundo.

Neste modelo, a aprendizagem não mobiliza apenas a visão e o pensamento – a cabeça –, mas envolve o corpo na sua totalidade, convocando as múltiplas formas de experiência sensorial. Por isso, os filmes que aqui são exibidos são muito mais do que aquilo que representam isoladamente – são pontos de partida para continuar a aprofundar a aprendizagem e descobrir outras maneiras de ver, escutar, pensar e fazer, em diálogo com aquilo que está continuamente a emergir no mundo.

José Filipe Costa